



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH**

**CAMPUS IV - JACOBINA**

**PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO  
PROGRAMA REDE UNEB 2000 – NÚCLEO VÁRZEA DA ROÇA**

**ANALFABETISMO:  
a interferência dos pais analfabetos no aprendizado dos  
filhos.**

**Por: EDNA LIMA CERQUEIRA  
ELIENE DE OLIVEIRA RIOS  
JOELMA DA SILVA CRUZ  
LUCIANE RIOS DE SOUZA**

**Várzea da Roça, BA  
2007**



**EDNA LIMA CERQUEIRA  
ELIENE DE OLIVEIRA RIOS  
JOELMA DA SILVA CRUZ  
LUCIANE RIOS DE SOUZA**

**ANALFABETISMO:  
a interferência dos pais analfabetos no aprendizado dos  
filhos.**

Monografia submetida a avaliação pela  
Universidade do Estado da Bahia, em  
cumprimento parcial dos requisitos para  
obtenção do grau de Pedagogia, sob  
orientação do professor Doutor Antenor  
Rita Gomes.

**Várzea da Roça, BA  
2007**

EDNA LIMA CERQUEIRA  
ELIENE DE OLIVEIRA RIOS  
JOELMA DA SILVA CRUZ  
LUCIANE RIOS DE SOUZA

Analfabetismo:  
a interferência dos pais analfabetos no aprendizado dos  
filhos.

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau no  
curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia.

Data da Aprovação: / /

Banca Examinadora:

---

Professor Doutor Antenor Rita Gomes  
Orientador  
Faculdade de Educação da Bahia

---

Professor Mestre (a definir)

---

Professor Mestre (a definir)

Várzea da Roça, BA  
2007

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela inteligência e discernimento acerca dos conhecimentos que nos impulsionaram a levar esta pesquisa à frente.

Aos nossos pais que sempre estiveram ao nosso lado nos dando força e nos apoiando em nossas decisões.

Aos nossos esposos e filhos que sempre nos compreenderam.

Aos nossos mestres que nos fizeram refletir e modificar as nossas práticas pedagógicas.

Ao nosso mestre Antenor Rita, que com sua humildade e paciência muito nos ensinou.

Aos diretores, secretários, professora e alunos da Escola Municipal Odilon Sena Cerqueira, pela colaboração na coleta de dados, bem como os respectivos pais dos alunos que foram entrevistados.

Enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente nos fizeram realizar este trabalho.

“A esperança na libertação não significa já a libertação. É preciso lutar por ela, dentro de condições historicamente favoráveis. Se elas não existem, temos de pelear esperançosamente para criá-las”.

(Paulo Freire)

## ANALFABETISMO: A INTERFERÊNCIA DOS PAIS ANALFABETOS NO APRENDIZADO DOS FILHOS

### RESUMO

O presente trabalho nos leva a uma discussão e reflexão acerca das conseqüências do analfabetismo dos pais na vida escolar dos filhos. Aborda questões como o significado do conceito de família e o valor dela na construção do sujeito, assim como a importância da escola para a construção da cidadania. Destacamos as idéias de vários autores com suas diversas concepções sobre a referida temática, sendo analisados também os questionários dos pais, alunos e professora com o intuito de mostrar a importância do ler e escrever na vida do cidadão.

**Palavras-chaves:** analfabetismo, família, escola.

### ABSTRACT

ILLITERACY: THE INTERFERENCE OF ILLITERATE PARENTS IN THE LEARNING OF THE CHILDREN.

This work leads us to a discussion and reflection about the consequences of illiteracy of the parents in the school life of their children. It addresses issues such as the meaning of the concept of family and the value of it in the construction of the subject, as well as the importance of school for the construction of citizenship. We emphasize the ideas of several authors with their diverse on the theme, and also analyzed the questionnaires of parents, students and teacher in order to show the importance of reading and writing in the life of the citizen.

**Key words:** illiteracy, family, school.

## SUMÁRIO

<b>I - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 METODOLOGIA .....</b>	<b>11</b>
<b>II – REFERENCIAL TEÓRICO</b>	
1 - ANALFABETISMO NO BRASIL .....	13
2 - PROGRAMAS DE ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO .....	17
3 - ANALFABETISMO / CIDADANIA / PARTICIPAÇÃO SOCIAL .....	20
4 - PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA .....	24
5 - A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO NA VIDA DO HOMEM.....	28
6 - ANALFABETISMO E ESCOLA .....	30
<b>III – RESULTADO</b>	
1 - A VISÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO À ESCOLA .....	35
2 - RELAÇÃO ENTRE ORDEM E EXECUÇÃO DO QUE A ESCOLA PROPÕE.....	37
3 - PAIS ANALFABETOS OU POUCO ESCOLARIZADOS E A LIMITAÇÃO DO SEU PRÓPRIO SABER .....	38
4 - O TRABALHO E SUAS LIMITAÇÕES .....	39
5 - A TERCEIRIZAÇÃO DA FUNÇÃO .....	40
6 - O INTERESSE PESSOAL DO ALUNO .....	41
<b>IV - CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS .....</b>	<b>43</b>
<b>V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>45</b>
<b>VI - APÊNDICE I .....</b>	<b>46</b>

## I - INTRODUÇÃO

Por diversas razões, é muito grande o número de pessoas que não tiveram acesso ao ensino escolar na fase da infância. Em quase todo o mundo elas formam um enorme contingente de analfabetos, que se vêem privados da participação plena nas possibilidades culturais oferecidas pela sociedade em que vivem. Esse problema é mais premente nos países menos desenvolvidos, pois não têm condições de estabelecer uma rede de ensino que atenda a suas populações e mesmo os que têm acesso à escola gratuita, não possuem recursos para o estudo, pois lhes faltam roupas, alimentação, saúde, além de que, desde pequenos precisam trabalhar para ajudar na renda familiar que é muito precária. O problema do analfabetismo agrava-se quando os filhos seguem os mesmos caminhos dos pais, deixando muitas vezes de freqüentar a escola, acomodando-se no trabalho braçal.

Constata-se que o Brasil é o pior país em educação entre aqueles de renda média. Saliendo que o analfabetismo é de influência e herança da época colonial portuguesa, que ao seu *bel* poder, por sua vez, impedia e dificultava o acesso às escolas às classes menos favorecidas.

“A “despreocupação” pela educação, nos seus aspectos quantitativos e qualitativos, é a consequência deste construir histórico que traz em seu bojo, além do desprezo pelas camadas populares, a interdição de muitos ao conhecimento e, portanto, perpetua estes “infelizes párias” na “incompetência”, na “ignorância”, (...) no “banimento social”, na “proscrição moral” e na “vergonha” da “chaga” do analfabetismo.” (FREIRE, 2001, p. 237)

No Brasil, o número de analfabetos é de cerca de 16 milhões de pessoas. Deste percentual, 13,8% da população têm 15 anos de idade ou mais. As regiões com menor desenvolvimento econômico e de economia pouco diversificada são as que apresentam os piores indicadores educacionais. Assim, o Nordeste brasileiro tem a maior taxa de analfabetismo do país, com um contingente de quase 8 milhões de analfabetos, o que corresponde a 50% do total do país. Contudo, o Estado da Bahia mostra uma taxa de 18,8% de analfabetos de 15 anos ou mais.

Em Várzea da Roça, nosso município, há 34,5% de analfabetos. Esse quadro é preocupante, em função das baixas condições socioeconômicas dessa localidade, que, diante de suas características, promovem a manutenção dessa situação de exclusão social. A análise estatística do município recenseado em 2000 mostra que existe forte correlação entre a taxa de analfabetismo na população de 15 ou mais anos e a taxa de freqüência à escola.

A educação encontra-se protegida pela Constituição de 1998, sendo um direito de todos e dever do Estado e da família. O direito à educação é um direito fundamental do indivíduo e tido como indispensável para o seu desenvolvimento. É o meio que favorece a formação do campo de percepção do indivíduo, o que o torna, ao mesmo tempo, ser social, predispondo-o a cooperar para o aperfeiçoamento da situação econômica e do bem-estar físico e mental de sua comunidade e da comunidade mundial.

Partindo desse contexto, sentimos uma grande inquietação ao percebermos que crianças vindas de famílias de baixa renda e de pais analfabetos têm um

desenvolvimento diferente daquelas que pertencem a uma família de maior grau de escolaridade.

Diante do exposto e dos dados apresentados, objetivamos detectar: Qual a interferência do analfabetismo dos pais no aprendizado dos filhos? Como o analfabetismo dos pais afeta a vida escolar dos filhos?

Esta pesquisa de trabalho é socialmente relevante porque poderá trazer contribuições com dados que poderão ser apropriados pela comunidade educacional e familiar para com isso, implementar programas que possam vir a diminuir o analfabetismo do nosso município. No entanto, o analfabetismo não pode ser considerado como uma doença a ser erradicada, mas um problema social a ser resolvido pelos dirigentes de nosso país, para que o cidadão possa viver com dignidade humana e exercer a sua cidadania.

O presente projeto tem como base pesquisas e reflexões sobre o índice de analfabetismo de pais de alunos do ensino fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série em nosso município, assim como analisar as conseqüências e, em torno disso, mostrar ao público-alvo a importância na vida do cidadão dos atos de ler e escrever, tendo em vista uma vida mais digna.

Nesse enfoque, realizamos nossas pesquisas na Escola Odilon Sena Cerqueira, instituição municipal, localizada na Rua Aramarim, no município de Várzea da Roça, Bahia, onde mergulhamos no cotidiano da sala de aula e então, nela encontramos elementos para as nossas reflexões. A escolha desse local deu-se pela certeza que é a

escola mais carente da sede do município, tendo com isto muitos alunos repetentes e, sobretudo, vindos de família de baixa renda.

Optamos pelo estudo de campo com o procedimento de investigação, onde iniciamos nossas pesquisas em uma sala de aula da 4<sup>a</sup> série, com alunos em idade avançada, na faixa etária de 10 a 16 anos de idade e, para um melhor enriquecimento deste projeto, fizemos observações com esta turma e sua família, os quais foram escolhidos numa reunião de pais e mestres.

Nesses períodos, observamos, registramos, analisamos e questionamos uma série de situações na sala de aula, numa perspectiva de obtermos informações sobre o tema abordado (analfabetismo), no intuito de mostrar a importância da escola, tomando como exemplo a grande dificuldade que os pais enfrentam por não serem escolarizados.

## 1.1 - METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, escolhemos a turma da Professora Cristiane Caires, da Escola Odilon Sena Cerqueira, situada à Rua Aramarim, s/n, na sede do Município de Várzea da Roça, BA, depois que fizemos uma visita à escola e detectamos uma turma de 4<sup>a</sup> série com faixa etária de 10 a 16 anos. A instituição citada foi escolhida por se tratar de uma escola carente, com histórico de alunos repetentes e alguns vindos de localidades da zona rural.

Participaram desta pesquisa: uma professora, sete pais de alunos e sete alunos respondendo aos questionários que foram escolhidos numa reunião de pais e mestres.

A escola citada possui as seguintes características: um corpo docente composto por 23 professores, sendo 04 de nível médio, 07 cursando o nível superior e 12 com nível superior completo, um diretor, um vice-diretor, um coordenador, um agente administrativo, 02 secretárias, 02 porteiros, 06 serventes e corpo discente formado por 590 alunos matriculados entre a 1ª e 4ª séries. Sua estrutura é composta por sete salas de aula que funcionam nos períodos diurno e noturno.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram entrevistas com professor e pais de alunos e questionários para os alunos, compostos de perguntas fechadas. O propósito era obter informações objetivas, ligadas diretamente à vida escolar dos alunos. Foram elaborados três roteiros de entrevistas, sendo um para a professora, um para os alunos e outro para os pais dos referidos alunos.

A coleta de dados foi feita diretamente na Escola Odilon Sena Cerqueira, a partir de entrevistas com alunos, durante um horário cedido pela professora e entrevistas com os pais diretamente em suas residências. Os roteiros das entrevistas foram construídos com a preocupação de que constassem sete questões para os pais, sete para os alunos e seis para a professora.

As entrevistas com os pais foram feitas oralmente, de acordo com um agendamento prévio, de acordo à disponibilidade dos mesmos.

## II - REFERENCIAL TEÓRICO

### 1 - ANALFABETISMO NO BRASIL

Desde os mais antigos tempos, os homens utilizaram a linguagem oral para comunicar-se entre si. O surgimento da linguagem escrita permitiu “armazenar” a informação, sem a necessidade de recorrer à memória. Assim, desde o momento em que se criou um código de sinais capaz de permitir a fixação dos conhecimentos, impôs-se a necessidade de compreensão e domínio desse código para as pessoas que quisessem ter acesso à informação escrita. Com a crescente complexidade da cultura, tornou-se cada vez mais necessário o conhecimento do alfabeto ou de algum outro sistema de escrita.

Em quase todas as culturas históricas, o domínio da linguagem escrita pertenceu a uma casta de funcionários ou sacerdotes que, em grande medida, mantinha seu poder graças ao controle que possuíam sobre essa linguagem.

De acordo com Freire (1989), mesmo depois da laicização do ensino no Brasil, com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, o elitismo prosseguiu. Aulas avulsas, fundo literário, colégios, tudo o que foi criado até a Independência era dirigido apenas aos filhos dos portugueses brancos e em condições de sustentarem tais estudos.

Com a Constituição de 1824, mudou-se o discurso, mas não mudou a prática. O ensino fundamental foi declarado responsabilidade do Estado liberal, mas o país continuou a

privilegiar a formação de bacharéis. Mantinha-se a prática: Quem podia pagar, estudava. E a coroa “lavou as mãos”, relegando às províncias a tarefa de educar.

A partir da segunda metade do século XIX é que chegou à insignificante taxa de 10% da população livre em idade escolar freqüentando uma escola primária. Até a Proclamação da República, índios, negros e mulheres estavam excluídos do sistema educacional.

“Uma sociedade dual (senhor e escravo), de economia agrícola – exportadora – dependente (economia colonial) não necessitava de educação primária; daí o descaso por ela. Precisava, tão somente, organizar e manter a instituição superior para uma elite que se encarregaria da burocracia do Estado, com a função de perpetuar seus interesses e cujo diploma referendava a posição social, política e econômica a quem possuía e a seus grupos de iguais. Garantiam-se, através de educação, as relações sociais de produção; portanto, o modo de produção escravista e o analfabetismo”; (FREIRE, 2001)

Ao longo da República, os discursos liberais e nacionalistas indicavam uma mudança na vontade política, mas nada - ou quase nada - saiu do papel. As reformas, como a Escola Nova, lançada pelo grupo dos Pioneiros na década de 1920/30, não tiveram continuidade, as campanhas de alfabetização fracassaram e a escola democrática, aberta e gratuita, embora aumentasse o número de ofertas de vagas, esteve longe de acompanhar as transformações econômicas e sociais pelas quais o país passava. Por décadas, até os dias atuais, a escola pública continua reproduzindo os modelos elitistas e autoritários geradores do analfabetismo, invalidando muitas vezes esforços isolados, aqui e ali.

Historicamente, a taxa de analfabetos vem caindo, mas apesar das tentativas, o

analfabetismo ainda é uma ameaça permanente ao crescimento do país, pairando vergonhosamente sobre os países menos desenvolvidos, sendo alvo de polêmica de vários educadores na tentativa de erradicar para a construção de um país digno.

Além dos analfabetos propriamente ditos (ou absolutos), que não sabem ler nem escrever, existem 27% de analfabetos funcionais: pessoas com mais de 15 anos com menos de quatro anos de escolaridade. Os analfabetos funcionais conseguem ler e escrever de uma maneira rudimentar, mas são incapazes de entender textos mais longos, como um manual de trabalho numa fábrica.

Uma das consequências do analfabetismo funcional provém da evasão escolar, promovida pela exigência de produção de renda que algumas famílias impõe aos seus filhos. Outro fator importante é a repetência, quando a criança desmotivada por não conseguir aprender, desiste da escola procurando outros caminhos.

Dados nos mostram que muitas crianças não chegam a completar a 4ª série. Isso significa que não aprendem o mínimo necessário para que, na prática, não sejam analfabetos. Vale ressaltar que uma criança com menos de 4 anos de escolaridade, há uma tendência de esquecer rapidamente como se escreve ou se lê.

Na Bahia, o problema analfabetismo não é diferente. Segundo dados do IBGE (2005), a taxa de analfabetismo na população acima de 15 anos é de 18,8%, quase o dobro da taxa nacional e muito próxima dos índices da região Nordeste, que é de 21,9%.

Nesse enfoque podemos perceber que apesar do nosso Estado ter sido o berço onde aportaram os portugueses, ele aponta um percentual muito baixo de escolaridade. Diante desse percentual, existe uma grande preocupação e desafio quanto ao que fazer nos dias de hoje para erradicar o analfabetismo, a fim de chegarmos a um Brasil mais digno e atingirmos níveis satisfatórios de desenvolvimento humano, mediante melhorias dos índices econômico, cultural e social.

Todavia, devemos transformar nossas indignações e insatisfações a respeito do analfabetismo em ações que possam contribuir em benefício e melhoria do problema em questão. Dessa forma, pessoas alfabetizadas e educadas são mais capazes de cuidar de sua saúde, nutrição e educação das crianças, criando uma geração com maiores oportunidades de viver bem e com menor pobreza que a precedente.

Por sua vez, a alfabetização em particular, constitui um motor para a expansão econômica e, ao mesmo tempo, mola propulsora de desenvolvimento social e político, reunindo, assim, dimensões de um processo que hoje caracteriza como desenvolvimento humano.

A história do analfabetismo em nosso município, Várzea da Roça, se repete. O índice de analfabetismo é de 34.5%. Ao apresentarmos uma síntese dos dados sobre o analfabetismo em nosso município, o primeiro ponto a considerarmos é que se trata de um problema que possui uma longa história.

Os principais fatores associados ao analfabetismo em nossa região estão vinculados à herança do quadro de professores que tínhamos, pois era constituído de 90% de

professores leigos; a maior parte da população concentrava-se na zona rural, dificultando o acesso das crianças à escola, uma vez que elas estavam envolvidas nos trabalhos rurais com seus pais. Outro fator relevante decorrente do descaso por parte dos administradores locais, cujas ações políticas não estavam comprometidas com a educação.

Os dados mostram que tão antigas quanto o analfabetismo no país são as tentativas de erradicá-lo.

## 2. PROGRAMAS DE ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO

Foram muitas as ações e programas de erradicação do analfabetismo em nosso país desde os anos 40 por parte dos nossos governantes. Assim, podemos citar, entre outros: A Campanha de Educação de adultos e adolescentes, criada em 1947, capitaneada por Lourenço Filho, que visava à promoção da educação popular em decorrência da regulamentação do Fundo Nacional do Ensino primário e em atenção aos apelos da UNESCO, planejada para preparar mão-de-obra alfabetizada nas cidades e para penetrar no campo a fim de promover a integração à sociedade de imigrantes e de seus descendentes.

Além do necessário enfrentamento direto do problema do analfabetismo adulto, Lourenço Filho destacou os efeitos positivos da educação dos adultos sobre a educação das crianças, ambas componentes indissociáveis de um mesmo projeto de elevação cultural dos cidadãos.

A campanha de 1947 deu também lugar à instauração no Brasil de um campo de reflexão pedagógica em torno do analfabetismo e suas conseqüências psicossociais. Entretanto, ela não chegou a produzir nenhuma proposta metodológica específica para a alfabetização de adultos. Isso só aconteceu no início dos anos 60, quando o trabalho de Paulo Freire passou a direcionar diversas experiências de educação de adultos. Foi o caso dos programas do Movimento de Educação de Base. Embaladas pela efervescência política e cultural do período, essas experiências evoluíram no sentido da organização de grupos populares, articulados a sindicatos e outros movimentos sociais.

Em 1964, o Ministério da Educação organizou o último dos programas de corte nacional desse ciclo: o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, cujo planejamento incorporou largamente os métodos de Paulo Freire. Essa e outras experiências acabaram por desestruturar-se sob a violenta repressão dos governos do ciclo militar. O fechamento político e institucional que caracterizou a conjuntura brasileira nos anos 70, não impediu que sobrevivessem ações educativas voltadas à alfabetização e pós-alfabetização de adultos que se nutriam no paradigma da educação popular.

A partir de 1969, o governo federal organizou o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) que surgiu como um prosseguimento das campanhas de alfabetização de adultos iniciadas com Lourenço Filho. Só que com um cunho ideológico totalmente diferenciado do que vinha sendo feito até então. Apesar dos textos oficiais negarem, sabemos que a primordial preocupação do MOBREAL era então somente fazer com que os seus alunos aprendessem a ler e escrever, sem uma preocupação maior com a formação do homem.

Foi criado pela lei nº 5379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida.

Em 1978, o MOBREAL atendeu quase 2 milhões de pessoas, atingindo um total de 2.251 municípios em todo país. Todo esse esforço provavelmente era para cumprir o verdadeiro objetivo do Presidente da República que desejava: “uma organização já estruturada e com significativa experiência a serviço da política social do governo e voltada para a efetiva promoção do homem brasileiro.”

Desacreditado nos meios políticos e educacionais, o Mobral foi extinto em 1985, quando o processo de abertura política já estava relativamente avançado. O montante de recursos de que dispunha já havia diminuído muito e o que restava de sua estrutura foi assimilado pela recém-criada Fundação Educar, que passou a apoiar técnica e financeiramente iniciativas de governos estaduais e municipais e entidades civis, abrindo mão do controle político pedagógico que caracterizara até então a ação do Mobral.

Podemos destacar também o Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003) que foi concebido para ser um instrumento- guia pela recuperação da educação básica do país e estabelecido com a participação de todas as esferas e agentes do processo educativo – União, Estados, Distrito Federal, municípios, professores e dirigentes escolares, famílias e sociedade civil. Foram propostos objetivos e estratégias de ação

para universalizar o ensino fundamental de qualidade, destacando a valorização e o reconhecimento público do Magistério.

Outro programa importante foi o de Alfabetização Solidária que em cinco anos atendeu 2,4 milhões de jovens e adultos em 1.578 municípios do país e contribuiu efetivamente para diminuir o índice de analfabetismo. Segundo dados do IBGE, houve uma redução de 32,3 % no índice nacional de analfabetismo do grupo composto por jovens e adultos acima de 15 anos de idade.

Esse grande número de experiências nos indica que a erradicação do analfabetismo é uma meta factível, mas que exigirá um grande esforço nacional.

### 3 - ANALFABETISMO/ CIDADANIA/ PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Há muito tempo a sociedade, através de lutas e conquistas, busca a igualdade social. Estas buscas sempre têm suas gêneses nas classes desfavorecidas, que através de suas situações econômicas, sociais e culturais enfrenta a injustiça e lida com a existência de privilégios e regalias para aqueles que se dizem “os donos do poder”.

Segundo Freire (1980), vivemos em uma sociedade dividida em classes, em que os privilégios de uns impedem a maioria de usufruir dos bens produzidos. Um desses bens é a educação, da qual é excluída grande parte da população do Terceiro Mundo. Ora, a vocação humana é ser mais, o que é possível pelo acesso aos bens culturais, caso contrário o homem se desumaniza. Essa vocação é negada com a prática da injustiça, da exploração, da opressão, da violência dos opressores, mas afirmada no anseio de

liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada.

Essa desigualdade provém da reprodução de uma geração para outra. Sobretudo, por causa do descaso na educação, pois quem não adquire o conhecimento, reduz em grande quantidade a chance de ter uma vida mais digna, tendo como consequência a ausência de igualdade nas oportunidades oferecidas na vida, como falta de emprego, alimentação e moradia, alienando-se à exclusão social.

A questão social que era vista como um sub-tema dentro das discussões mais gerais de desenvolvimento econômico, nos últimos anos passou ao primeiro plano, tanto na opinião de governos e organizações internacionais, quanto na opinião pública. Até recentemente, os temas da pobreza, da desigualdade e da educação eram vistos como questões de direitos humanos, que precisavam ser enfrentados por razões éticas e morais. Atualmente, foi se tornando óbvio que a pobreza, a desigualdade social e a ausência de serviços básicos na área da educação e da saúde são também causas importantes das dificuldades que os países enfrentam para sair do círculo vicioso do subdesenvolvimento ao impedir que as pessoas façam uso de seus talentos e competências e ao limitar a capacidade dos países em criar as instituições de que necessitam para desenvolver políticas econômicas e sociais adequadas.

Em reflexão ao grande paradigma acima, nos faz refletir sobre as posturas políticas dos nossos representantes, que criam leis, falam muito de modificar a desigualdade social, se dizem preocupados com a problemática do analfabetismo, e ao mesmo tempo,

negam aos cidadãos os seus direitos e uma melhor condição de vida. É como afirma Dimenstein (2006): É um cidadão com direitos adquiridos, mas não usufruídos e isso acontece na grande maioria, por falta de informações.

Percebe-se que para o Estado é muito cômodo não dá condições para o melhoramento da educação para os cidadãos, pois quanto menos informados, os indivíduos continuarão na ignorância, havendo menos conhecimento e lutas pelos seus direitos. Portanto, é de grande importância que os cidadãos se conscientizem da grande necessidade de se educar e combater o crescimento do analfabetismo, para com isso, se conhecer como cidadão, reivindicar e lutar pelos seus direitos.

Segundo Freire (1988), a concepção de educação é uma pedagogia conscientizadora, como força de mudança e libertação. O analfabeto pode ser “educado” ou alfabetizado no sentido amplo da palavra, aprendendo a refletir sobre sua própria realidade, o que irá contribuir para a libertação em detrimento da opressão social. Alfabetizar é, portanto, ensinar o uso da palavra em suas dimensões de ação e reflexão, é transformar o mundo.

A educação é um direito humano garantido pela Declaração Universal, cujo artigo 26 estabelece que: “Toda pessoa tem direito à educação. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais”.

Assim, é direito das novas gerações terem acesso ao acervo de conhecimentos acumulados durante milênios, para que possam enfrentar os desafios que lhes serão

impostos no futuro. A educação é o mais importante instrumento para a realização de quase todos os demais direitos humanos.

Uma pessoa que não tem acesso à educação acaba enfrentando maiores dificuldades para conquistar seu sustento. Entre outras coisas, não poderá dar a seus filhos todas as condições básicas para uma vida digna. Ao ser excluído dos processos de educação, o indivíduo não cria problemas apenas para si mesmo, mas também para muitos que estão à sua volta. Diante desse complexo contexto em que se encontra a educação, podemos imaginar o dilema de uma pessoa analfabeta diante de algumas situações que necessitam a utilização da linguagem escrita.

De acordo com Dias (1998), o analfabetismo é uma entrave aos meios elementares de direitos da cidadania, é um obstáculo à dignidade. Sendo assim, se os objetivos, as diretrizes e as metas estabelecidas para toda educação saírem do papel e forem devidamente implementados, poderão contribuir para que a educação brasileira seja uma alavanca real para o desenvolvimento do país e para a construção de uma sociedade justa e democrática.

Atualmente, considera-se a educação um setor imprescindível para o desenvolvimento de uma nação. É através da produção de conhecimentos que um país cresce e aumenta sua renda e a qualidade de vida das pessoas. Embora o Brasil tenha avançado neste campo nas últimas décadas, ainda há muito para ser feito. Arroyo (2000) afirma que a cidadania se constrói como um processo que se dá no interior, pelo

saber e pela instrução e só tem sentido na constituição da identidade política do povo comum.

Sendo a educação expressão do processo da democracia, confirma-se a idéia de Gentili (1995) que afirma que a luta pela escola pública se encontra ameaçada pelos discursos neoliberais. O autor defende a educação como direito de todos e critica o seu atendimento aos interesses da minoria detentora do poder, reafirmando a sociedade de proprietários e trabalhadores. Critica o valor de mercadorias que o conhecimento vem tendo, levando a educação rumo à privatização.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), aprovada em 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 1º estabelece que: "A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais". Esta Lei trouxe um grande avanço no sistema de educação de nosso país. Ela visa tornar a escola um âmbito de fomentação da pluralidade cultural e da formação do cidadão. Com isso, a escola ganhou vida e mais significado para os estudantes.

#### 4 - PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA

Na Idade Média, no início dos tempos modernos e por muito tempo nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos. Aos sete anos de idade,

ingressavam na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou adultos dos trabalhos e jogos de todos os dias.

Nesse enfoque, a família cumpria uma função: assegurar às suas crianças a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, mas não penetravam muito longe na sensibilidade. Afrouxavam o laço afetivo entre os pais e os filhos e nem tampouco, tinham idéia de educação.

Com o passar dos tempos, o conceito de família foi se transformando, ao passo que admitiam que a criança não estava madura para aquele modo de vida e que elas necessitavam de serem preparadas para a fase adulta, ficando convencido que essa preparação fosse assegurada na escola.

Assim, segundo Aries (1973), a aprendizagem social vai deixando de ser realizada através do convívio direto com os adultos, sendo substituída pela educação escolar. Hoje, nossa sociedade depende e reconhece o valor do sistema educacional na vida dos indivíduos. A educação é o caminho que conduz o homem ao conhecimento de si mesmo, de suas potencialidades, possibilidades e metas. Considerando que o ser humano aprende o tempo todo, nas diversas instâncias que a vida lhe apresenta, o papel da família é fundamental, pois é ela que decide desde cedo o que seus filhos precisam aprender.

Desde as últimas décadas do século XIX, a família vem se estruturando. Percebemos o quanto ela mudou. Hoje, há famílias intactas, famílias em processo de separação,

famílias reconstruídas, famílias constituídas por casais homossexuais, famílias constituídas com filhos adotivos, famílias constituídas através das novas técnicas de reprodução etc.

Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal. É em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde se aprofundam os laços da solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados e apreendidos valores culturais.

Gokhale (1980) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas. A família e a escola são pontos de apoio e sustentação do ser humano. São marcos de referência existencial. Quanto mais intensa for a parceria entre ambas, mais positivos serão os resultados na formação do sujeito.

A sociedade não é mais a mesma de 30 ou 40 anos atrás. Hoje as crianças ingressam mais cedo na escola. Segundo Maldonado (1998), esse fato pode favorecê-las ou

desfavorecê-las, dependendo do acompanhamento escolar e familiar realizado. Caso a criança seja bem acompanhada, esse ingresso prematuro na instituição pode ajudá-la a se desenvolver melhor em todos os aspectos: sociais, afetivos, cognitivos etc.

Porém, se a família coloca-a na escola, mas não a acompanha, pode gerar na criança um sentimento de descaso em relação ao seu desenvolvimento. “Por falta de um contato mais próximo e afetivo, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola, em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar.” (2002:11). Infelizmente, alguns pais não se conscientizam da importância do apoio deles junto à instituição escolar do filho e outros atribuem à escola o sucesso ou insucesso na vida das crianças.

Pesquisas baseadas em amostras de milhões de estudantes revelam que o desempenho do aluno tem a ver com ingredientes como envolvimento da família, nível sócio-econômico e os estímulos culturais. Filhos de pais que têm o hábito da leitura, têm maior tendência a se tornarem leitores, ingrediente crucial do aprendizado.

Considerando a influência exercida pela família no desenvolvimento dos filhos, é possível perceber o tamanho de sua interferência no processo de escolarização dos alunos.

## 5 – A IMPORTANCIA DO TRABALHO NA VIDA DO HOMEM

O trabalho é uma atividade pela qual o homem exterioriza no mundo fins destinados a produzir valores e bens sociais ou, individualmente, para satisfazer suas necessidades. A forma de trabalho realizado pelo homem, ao mesmo tempo em que modifica o mundo, modifica-os, criando relações entre si, produzindo e renovando cultura. Nesse sentido, o trabalho completa o indivíduo e contribui para o seu desenvolvimento enquanto ser humano.

Nem sempre a forma de trabalho determinada pela sociedade traz benefícios para o homem. Sendo assim, nem todas as pessoas têm oportunidades de usufruir de um bom emprego. A condição de trabalho de muitos pais de alunos é muito difícil, pois não têm profissionalização e escolaridade necessárias para melhorar a vida e o resultado é uma vida precária, com uma baixa remuneração e sem carteira assinada, o que leva à insegurança, passando por privações de todas as ordens. Então, o trabalho, e não a escola, torna-se a principal fonte de aprendizado para essas crianças, que seguem os pais, rumo ao analfabetismo.

Muitos filhos de pais analfabetos não possuem tempo de ir à escola e quando vão, nem completam o ensino fundamental. Beiram a total desumanidade e alienação, pois muitos acompanham seus pais na lavoura em época de plantio e colheita ou na vida dura da cidade, privando-os de ter uma vida pessoal, familiar ou social mais digna.

Muitas famílias pobres justificam o trabalho de seus filhos alegando que é melhor trabalhar do que “viver solto nas ruas”, “aprendendo o que não deve”. O custo de vida é alto, os salários baixos, falta de assistência médica, saneamento básico e moradia, sem condições de sustentar seus filhos e muito menos de mantê-los na escola.

A escola é um sonho distante do garoto que, por conta da pobreza, tem que trabalhar para contribuir com o sustento de sua família. Como não tem tempo de estudar, ganham pouco por ter baixa instrução. Observa-se que é criado um círculo vicioso: baixa remuneração e poucas oportunidades por falta de instrução, pouca/nenhuma instrução por estarem fora da sala de aula porque tem que trabalhar. A vida na pobreza é instável, e isso gera alunos faltosos. Por isso, enfrentam dificuldades em acompanhar o ritmo das aulas.

Vendo os filhos frustrados, muitos pais decidem que não vale a pena mantê-los na escola. Em muitos casos, a forma de trabalho dos pais vai além. Eles são humilhados, maltratados pelos patrões, o que coloca cada indivíduo no seu lugar dentro do sistema capitalista de produção: quem manda – detentor dos meios de produção - e quem obedece, ou seja, o proletariado. Aqueles que se acham o dono do saber e do poder, aliás, instâncias recíprocas e convergentes.

É interessante notar que o quadro da desigualdade social recai na maioria das vezes nas famílias que possuem menos escolarização, o que acaba por gerar uma série de graves problemas sociais. Os desprovidos dos saberes instituídos são excluídos, pois

depois da miséria, a ignorância é o maior inimigo do bem comum. Outra vez temos idéias convergentes: miséria e ignorância.

Sem uma boa educação para as pessoas, a democracia e a cidadania não resistem. Portanto, a educação é o caminho mais seguro para o bem-comum, para uma sociedade mais justa e uma vida mais digna. Por isso, a escola é importante para a democracia. Não só para as crianças, mas para jovens e adultos.

Através da escola, é mais fácil vencermos as barreiras, as batalhas travadas no dia-a-dia nas ruas, nos lares, nas empresas. Por essa razão, a cidadania democrática depende de todos nós e também dos professores e de outras pessoas vinculadas à educação. Escola, portanto, é uma das portas de entrada e de saída da cidadania em busca da justiça social, do bem-estar, da alegria de viver, em busca de melhores condições no mercado de trabalho para que se possa suprir pelo menos suas principais necessidades.

Cada vez mais a falta de instrução dificulta a vida das pessoas. É o quadro mais fiel da desigualdade social, resultando em mão-de-obra despreparada e falta de geração de renda.

## 6 - ANALFABETISMO E ESCOLA

A escola, de início aparelho aristocrático para aperfeiçoar e ilustrar os que tinham dinheiro e tempo para frequentá-la, passou a ser aparelho de nivelamento político e

econômico, destinado a preparar os homens para produzirem economicamente; e agora visa, ambiciosamente, a tornar-se o aparelho de equalização de oportunidades econômicas e sociais de cada indivíduo. A escola não deveria estar a serviço de nenhuma classe, seja a dos consumidores privilegiados da vida, seja dos produtores ou industriais; mas a serviço do indivíduo.

Hoje, no Brasil, temos um sistema de ensino que atende a um elevado número de alunos. Vencemos um pouco a barreira do acesso à escola. Mas, ainda existe o problema da qualidade de ensino e do analfabetismo. É preciso que a escola vá além do espaço de conhecimento, tendo uma estrutura que elimine a exclusão social e não discrimine ou afaste o aluno por causa de fatores sócio-econômicos e culturais. Portanto, o conjunto de ações e compromissos da escola contribui para amenizar o analfabetismo. Assim, além de ensinar, o educador tem como compromisso apoiar o aluno na busca do conhecimento, combater o fracasso escolar e promove-lo para a cidadania.

“ O professor do século XXI precisa, mais do que nunca, ser um modelo para seus alunos, levando-os a pensar mais sobre as questões éticas, sociais e políticas, de modo que esse pensamento aplicado leve todos a participar mais dos espaços de vida começando pelo escolar...” (Ofício do Professor, volume 2, p. 25)

Com base na citação acima, percebemos o papel do educador em levar o aluno a compreender a importância da escola para a transformação de um melhor modo de vida, com oportunidades, conhecendo-se como cidadão ativo e participativo da vida social.

No entanto, é necessário afirmar a educação escolar como caminho obrigatório na construção da cidadania, por meio da participação dos alunos na comunidade. Portanto, a escola é o viés que propicia a aquisição e prática da cidadania. Sem uma boa escola, não há justiça social, bem-estar etc.

Na perspectiva de Vigotsky (1984), a educação cumpre papel principal na construção do sujeito, pois na nossa sociedade alfabetizada, a escola representa o elemento indispensável para a realização plena dos sujeitos, visto que, neste contexto, as crianças são provocadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas e a tomar consciência de seus próprios processos mentais. Para Dimenstein (1992), “A criança é o elo mais fraco e exposto da cadeia social. Se um país é uma árvore, a criança é um fruto. E está para o progresso social e econômico como a semente para a plantação. Nenhuma nação conseguiu progredir sem investir na educação, o que significa investir na infância. E isso por um motivo bem simples: ninguém planta nada se não tiver uma semente. E árvores doentes não dão bons frutos. A viagem pelo conhecimento da infância é a viagem pelas profundezas de uma nação” (p. 5 e 6).

De acordo a citação acima, fica clara a importância da escola para o progresso de um país, salientando que os investimentos escolares devem ocorrer desde a infância da criança.

Mas no Brasil, os responsáveis pela educação colocam em primeiro lugar os interesses do Estado, em segundo os interesses da escola, em terceiro dos professores, por último consideram os interesses das crianças e alunos. Como defesa desses atos, os

governantes afirmam que “não há dinheiro” para investir na educação, como a construção de novas escolas, materiais escolares, aperfeiçoamento e melhoramento de salários de professores etc., tornado com isso uma educação fragilizada que desencadeia no analfabetismo e na desigualdade social.

Sabemos que no Brasil há uma lei de responsabilidade fiscal que incrimina o prefeito que não paga suas dívidas, mas nenhuma punição está proposta se ele fechar escolas para pagar o banco. Acabam se justificando como desculpas mirabolantes para não investirem na educação de seu povo.

Entretanto, para que as nossas crianças e adolescentes tenham sucesso no âmbito escolar e na vida, não basta garantir vagas na escola; é preciso muito mais que isso. É necessário que haja compromisso por parte dos governantes e de todos os envolvidos no processo de aprendizagem das crianças.

A educação tem sido um grande fator de desigualdades e quebra de identidades em função da absurda variação na oferta e na qualidade da educação do povo brasileiro. Portanto, a deseducação é a principal causa de um dos grandes problemas do nosso país: **o analfabetismo**.

É de fundamental importância sabermos a necessidade da parceria da escola e dos pais das crianças, salientando que essa parceria seja feita com respeito mútuo entre ambas as partes sem se importar com o grau de instrução dos pais, sejam eles alfabetizados, semi-alfabetizados ou analfabetos completos.

É necessário uma tomada de consciência e compreensão por parte da escola acerca do alunado, percebendo não apenas como estudantes, mas principalmente como seres humanos que vêm de famílias e culturas diferentes. Os professores devem entender que em muitas casas a renda familiar e o nível de escolarização dos pais se tornam fatores agravantes na vida escolar dos alunos, que a genética também é um fator forte na aprendizagem e que precisa de estímulos para serem impulsionadas.

O analfabetismo é objeto de discussão nos diferentes segmentos da sociedade. Segundo alguns pesquisadores (Rivero, 1998; Schmelkes, 1996; Torres, 1996), o investimento na educação de pais analfabetos é uma estratégia importante para reverter esse quadro. Os pensadores supracitados afirmam que o investimento na educação dos pais resultaria não só em um maior enriquecimento do ambiente cultural da criança, como também estabeleceria condições para que eles apresentassem um maior comprometimento com a educação dos filhos e uma melhor capacidade na assistência de suas atividades escolares.

### III - RESULTADO

Com base nos dados coletados, constatamos que a maioria das famílias entrevistadas é de baixa renda, semi-analfabetas, residentes na zona rural e urbana, morando em casas sem o mínimo de conforto, sem energia elétrica, água ou esgoto.

Observando o histórico escolar dos alunos, percebemos que a maioria é repetente, desistente, com médias baixas e apresenta um nível elevado de distorção idade/série, bem como a falta de compreensão por parte deles em relação aos conteúdos aplicados, não possuindo habilidades e competências para cursar a referida série, estando totalmente desmotivados para estudar.

Diante do acima exposto, detectamos que o analfabetismo dos pais também interfere no desenvolvimento escolar dos filhos, visto que a família é baluarte de qualquer ser humano.

#### 1. A visão dos pais em relação à escola

A escola é o lugar onde a criança é estimulada a avançar em suas aprendizagens, as quais estão impregnadas desde o seu nascimento, na sua vivência diária com o seu meio. Assim, o aluno não é mais considerado uma "tábua rasa", mas sim, um sujeito

aprendiz. Todos são capazes de aprender, cada um no seu próprio ritmo e de acordo com suas características e interesses pessoais.

Os pais não percebem a aprendizagem como um processo interno. Na visão deles, o desenvolvimento escolar dos filhos depende da participação família-escola, mas vêem essa aprendizagem como continuidade dos conhecimentos já adquiridos no âmbito cultural. Os pais não atribuem o sucesso ou insucesso escolar dos filhos a questões que provém de sua cultura, mas sim, à vontade que o aluno tem de aprender e o incentivo dos pais e da escola. Vejamos alguns relatos de pais:

"A aprendizagem dos meninos depende dos pais ativar os meninos de ir pra escola, porque é assim: se a gente deixar o menino de mão ele não vai estudar, se a professora dizer que ele não vai passar, ele não quer ir mais".(D. Mirian em 06/08/2007)

"Primeiro lugar o aluno tem que ter disposição, o pai vai incentivando, o professor também. O menino só aprende na escola."(D. Evanilde em 08/08/2007)

De acordo com os relatos dos pais, a união da família juntamente com a escola é favorável para a aprendizagem dos filhos e que os professores não devem desanimar os filhos para que não desistam da escola.

Sabe-se que não há possibilidade da escola assumir sozinha a responsabilidade do sucesso ou insucesso da vida escolar dos alunos. Entretanto, a família tem sua grande parcela de contribuição, visto que estão envolvidas direta ou indiretamente nos aspectos emocionais e afetivos das crianças, sendo que a maior parte do tempo ela

passa com seus familiares e a cultura que cada criança traz do seu meio, suas aprendizagens anteriores interferem positiva ou negativamente no seu processo de aprendizagem. Mas, no entanto, os pais, por não terem uma carga de informação, vêem a educação como um processo externo do sujeito.

## 2. Relação entre ordem e execução do que a escola propõe

Segundo a percepção que os pais têm da escola, nota-se certo comodismo por parte deles. Eles não questionam acerca dos conteúdos trabalhados, não conversam com os filhos sobre a metodologia aplicada pelo professor e afirmam que tudo o que a escola propõe para os filhos tem que ser executada, como mostra os depoimentos abaixo:

“Eu acho que seja muito certo isso, o que ele mandar, a gente tem que esforçar o menino para fazer.” (D. Matilde em 06/08/2007)

“(... )”eu acho que escola nenhuma, professora nenhuma ensina o que não presta ao aluno. Eles é que não quer entender.” ( D. Mirian em 08/08/2007)

Percebe-se uma grande aceitação dos pais em tudo que a escola propõe. Eles afirmam que a escola é boa, mas não apresentam um comprometimento com a educação dos filhos, nem uma melhor capacidade na assistência de suas atividades escolares por serem analfabetos.

Observamos a confirmação dessa premissa na fala da professora que inquieta, comenta:

“Às vezes eu até fico preocupada porque tudo para as mães está bom, são conformistas, é o que elas transmitem.”  
(Professora Cristiane em 14/08/2007)

### 3. Pais analfabetos ou pouco escolarizados e a limitação do seu próprio saber

Por se tratarem de pessoas analfabetas, os pais possuem uma grande limitação em relação ao seu saber, o que dificulta muito na ajuda a seus filhos. Alguns tentam ajudar, mas é difícil e complicado. Eles se dizem participativos da vida escolar dos filhos à sua maneira e afirmam ainda que o sucesso ou insucesso dos filhos depende não só da escola, mas sim, da união de ambas, como relatam: “Eu não ajudo porque eu não sei lê (...)” (D. Edileide em 06/08/2007); “Eu não sei, meu estudo é pouquinho (...)” (D. Mirian em 08/08/2007); “(...) eu só estudei um mês e só aprendi três letras “A, B e C”” (D. Agda em 07/08/2007).

Ao questionarmos os pais sobre a participação deles nas tarefas escolares dos filhos, afirmam que ajudam, tentam como mostram os relatos acima, mas, por conta de sua pouca escolaridade, se vêem impossibilitados de dar ajuda necessária aos seus filhos. No entanto, percebemos que em muitos casos, o aluno da 2ª a 4ª série é a pessoa mais culta da casa que mora. Por fim, esses alunos nem mostram os seus deveres de casa aos pais e acabam não cumprindo a tarefa solicitada pelo mestre. A professora afirma:

“ A maioria dos educandos desde o início do ano não realizavam as atividades de casa e os trabalhos.” (Professora Cristiane em 14/08/2007)

“(…) em relação a ajudar os filhos no desenvolvimento escolar acredito que eles ajudam da forma deles obrigando-os a ir para a escola por conta da bolsa escola ou porque o Conselho Tutelar chamou a atenção.” (Professora Cristiane em 14/08/2007).

Diante dos depoimentos dos pais e da professora, percebemos o fracasso no processo de resolução das tarefas escolares, pois nem sempre as atividades de casa vêm respondidas pelos alunos, e sim, por outras pessoas.

#### 4. O trabalho e suas limitações

É através do trabalho digno que as pessoas podem dar melhores condições de vida para as suas famílias. E para conseguir um bom emprego, é necessário uma boa escolarização, o que se torna impossível para esses pais que, sendo analfabetos, acabam arranjando empregos informais, sem nenhuma garantia e ganhando muito pouco, além de terem que trabalhar dobrado e encaminhar seus filhos para trabalhar para ajudar no sustento da família, o que acaba atrapalhando seus estudos. Como afirmou um aluno:

“Gosto de ler, quando tenho tempo de ler, pois a maior parte do tempo estou trabalhando na roça com meu pai e segunda-feira ajudo uma mulher na rua.” (Rodrigo em 02/08/2007) <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Ajudar uma mulher na rua significa ir trabalhar na feira livre de Várzea da Roça.

Como podemos perceber esse aluno quando não está na escola, está trabalhando para ajudar no sustento da sua família, sobrando muito pouco tempo para as suas atividades extra escolares, o que contribui para o fracasso escolar.

É necessário que os professores reflitam sobre a rotina diária da criança que trabalha, buscando estratégias para ajudá-la a superar suas dificuldades no desenvolvimento escolar.

Grande parte das famílias enfrentam muitas dificuldades e ficam quase impossibilitadas de educar seus filhos como gostariam. Muitas famílias, às vezes, somente contam com a mãe, sendo forçadas diariamente a trabalhar para o sustento de toda a família, preocupar-se com a alimentação, moradia e a saúde, como mostra o depoimento:

(...) “Às vezes, um vai com o dever sem fazer, porque eu trabalho, eu sou sozinha pra tudo, é muita coisa, sempre acontece, a correria do dia-a-dia.” (D. Mirian em 08/08/2007) <sup>2</sup>

## 5. A terceirização da função

Atualmente, busca-se a participação dos pais na vida escolar dos filhos através de associações de pais e mestres, reuniões e nos deveres de casa. Nem sempre as

<sup>2</sup> Esta mãe quis dizer que não tem ajuda do pai dos filhos, ela sustenta seus filhos sozinha.

tarefas de casa correspondem ao saber dos pais. Mesmo que eles tentem ajudar, não conseguem por não estarem a par dos assuntos em debate, e acabam colocando a sua responsabilidade para os irmãos mais velhos, os quais nem sempre estão dispostos a ajudar e, às vezes, não sabem, repassando novamente a responsabilidade a terceiros, até retornam com suas tarefas escolares aos professores: "(...) Mando os irmãos maiores ensinarem (...)" ( D. Edileide em 06/08/2007) ; " Eu mando ele pedir ajuda a irmã, sempre tem alguém que ajuda." (D. Rita em 07/08/2007)

"Eu não sei fazer, então procure a sua irmã para lhe ensinar, e se sua irmã não sabe, procure a outra pessoa que sabe, a uma professora ." (D. Agda em 07/08/2007)

No retorno das tarefas escolares, nem sempre os professores conseguem alcançar os objetivos que almejam.

## 6. O interesse pessoal do aluno

A escola é o espaço onde a criança tem oportunidades de interagir e usufruir do processo de produção do conhecimento. Na escola, o professor é aquele que orienta, provoca; enfim, é aquele que abre o espaço na sala de aula para que a criança continue no processo de aprender. Contudo, é evidente e necessário que a criança tenha interesse de estudar e aprender, fato que nem sempre acontece. Muitos alunos vão à escola porque são obrigados pela família e até pelo Conselho Tutelar. Muitas crianças preferem ficar em casa, assistindo à televisão ou mesmo brincando na rua. Vejamos a fala de uma mãe:

"(...) Eu sempre faço o que posso para os meus filhos estudarem. O menino dá trabalho de ir pra escola. Eu já tive que procurar ajuda do Conselho Tutelar." (D. Mirian em 08/08/2007)

Muitos professores passam por problemas e conflitos na sala de aula quando querem a atenção de sua classe e percebem o desinteresse por parte de alguns alunos. Em muitos casos, os desinteressados, além de não aprender, atrapalham a aula com brincadeiras fora de hora. Com isso, esses alunos não aprendem, não conseguem bons resultados e, conseqüentemente, tornam-se repetentes. A professora afirma:

"Existe alunos que não querem aprender, eu acredito que eles precisam compreender que é preciso estudar." (Professora Cristiane em 14/08/2007)

"Não param para estudar ou escutar a aula, e é por isso que acabam perdendo de ano." (Professora Cristiane em 14/08/2007)

Assim, é necessário que os educadores busquem sempre novas estratégias para manter a motivação e o interesse pessoal do aluno acerca da sua escolaridade. Enfim, um bom professor não se faz da noite para o dia. E por melhor que seja, precisa se manter constantemente atualizado.

#### IV - CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Ao concluir esse trabalho, chegou-se às seguintes reflexões: os alunos da 4ª série da escola citada anteriormente apresentam um nível elevado de distorção idade/série e são portadores de toda uma carga de baixa auto-estima escolar.

São várias as causas que contribuem para esses problemas: o ingresso tardio na instituição escolar, principalmente crianças que moram na zona rural, aquelas que possuem baixa renda e também as que vêm de famílias com baixo nível de escolaridade. Os alunos ingressam na escola com 6 anos de idade, muitas delas não possuem coordenação motora, não reconhecem, nem escrevem as letras e com isso ingressam na 1ª série do ensino fundamental com certa desvantagem em relação àquelas que já convivem no mundo letrado, em contato com livros, revistas, televisão, Internet etc. Assim, engrossaram as estatísticas de repetência, que destrói a auto-estima do aluno e com ela, a confiança na capacidade para aprender, dificultando a aprendizagem e aumentando a probabilidade de novos fracassos.

A falta de escolaridade dos pais é um dos principais fatores que levam os alunos a chegarem com uma idade avançada na 4ª série. A falta de escolaridade é um círculo vicioso. Muitos pais não motivam seus filhos a estudarem, não têm condições de ensinar e acompanhar seus filhos nas tarefas escolares, por terem baixa renda, essas crianças ingressam muito cedo no campo de trabalho e, por não terem tempo de

conciliar trabalho e estudo, acabam optando por trabalhar e, conseqüentemente, irão ter uma baixa renda pela falta de instrução.

Outro fator observado é o nosso sistema escolar que é, portanto, seletivo. Apenas os alunos que realizam o que deles se espera são bem sucedidos. A escola não investe em estratégias de aprendizagem, criando formas de excluir esses alunos, acarretando na inclusão em outro grupo: o da delinqüência, o da mendicância ou o da rua.

É essa a situação que enfrentamos. Precisamos de uma boa escola para construir verdadeiros cidadãos e com isso conseguirmos mudar essa realidade tão vergonhosa e assustadora que é o analfabetismo em nosso Brasil.

## V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIES, Philippe. História social da criança e da família, Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

DIMENSTEIN, Gilberto. O Cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil, 21ª edição, São Paulo: Ática, 2005.

DIREITOS HUMANOS – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à distância, 1999.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Analfabetismo no Brasil, 3ª edição, São Paulo: Cortêz, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOKHALE, S.D. A família desaparecerá?, In Revista Debates Sociais. Nº 30, ano XVI, Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

KALOUSTIAN, S.M. (Org.) Família Brasileira: a base de tudo. São Paulo: Cortez, 1988.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.344 de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.

MALDONADO, M.T. Comunicação entre pais e filhos. 10ª edição, Petrópolis: 1998.

MENEZES, Ebenézer Takuno de, SANTOS, Thaís Helena dos. “Plano Decenal de Educação para Todos” (Verbete). Dicionário Interativo de Educação Brasileira Educa Brasil. São Paulo: 2002.

OFÍCIO DO PROFESSOR, Volume 2, Editora Fundação Victor Civita, 4ª edição: 2003.

**APÊNDICE  
ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
PROGRAMA REDE UNEB 2000  
VÁRZEA DA ROÇA – BA

## ENTREVISTA – PROFESSORES

I – Identificação do entrevistado:

Nome completo: Cristiane Caires

Nome da Escola: Escola Municipal Odilon Sena Cerqueira

1. Os pais de seus alunos frequentam as reuniões escolares? Os mesmos ajudam no desenvolvimento dos filhos?

Professora: “ Apenas 50% dos pais frequentam as reuniões; em relação a ajudar os filhos no desenvolvimento escolar acredito que eles ajudam da forma deles obrigando-os a ir para a escola por conta da bolsa escola ou porque o Conselho Tutelar chamou a atenção”.

2. Você percebe a ajuda dos pais nas tarefas de casa?

Professora: “Não. A maioria dos educandos desde o início do ano não realizavam ou realizam as atividades de casa e os trabalhos”.

3. Alguns pais já reclamaram ou questionaram acerca dos conteúdos trabalhados?

Professora: “Não. Às vezes eu fico até preocupada porque tudo para as mães está bom. São conformistas, é o que elas transmitem.

Muitas falam que os filhos são preguiçosos ou falta muito porque tem que trabalhar”.

4. Percebemos uma grande distorção idade-série dos seus alunos. De acordo a metodologia aplicada aos mesmos, eles sentem facilidade em acompanhar os conteúdos?

Professora: “ Uma grande parte da turma são alunos que no momento da explanação dos conteúdos eles não interrogam, pouco questiona, a realidade é que são desmotivados pelo fato de serem repetentes.

Em relação à minha metodologia de trabalho eu sempre procuro trabalhar utilizando recursos que facilitam a compreensão dos alunos, mas percebi que muitos alunos não possuem habilidades para cursar a 4ª série e isso atrapalha o desenvolvimento das atividades que devem ser a nível de 4ª série. Por outro lado existem alunos que não querem aprender, porque os que querem, compreendem os conteúdos trabalhados e geralmente os repetentes são desinteressados, têm dificuldades mas não param para escutar a aula, e é por isso que acabam perdendo de ano. Esse ano fiz trabalho individual com os que estavam “fracos”, mas eles não queriam ter esse trabalho de ouvir, escrever, ler, esforçar-se. Com alguns eu sentei próximo, tentei sanar as dúvidas, mas não obtive resultados porque eles não queriam.”

5. Visto que estamos finalizando a 3ª unidade, qual a porcentagem dos alunos que tem chance de aprovação?

Professora: “50% da turma irá ser aprovada. Justamente os alunos que realizam as atividades, que estudam em casa e que têm compromisso com os estudos é que vão conseguir a média para passar”.

6. De acordo a entrevista realizada com os pais, constatamos que a maioria dos mesmos são analfabetos ou semi-analfabetos. Até que ponto isso interfere na aprendizagem dos filhos?

Professora: “ São vários os fatores que interfere na aprendizagem dos alunos, mas eu acredito que quando o aluno quer aprender, esse fator dos pais serem analfabetos não interfere na aprendizagem. Porém, existem crianças que necessitam de uma atenção maior dos pais, aí sim, pode ser que os pais analfabetos podem interferir na aprendizagem dos filhos.

No caso de alguns dos meus alunos eu acredito que eles precisam compreender que é preciso estudar.”

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
PROGRAMA REDE UNEB 2000  
VÁRZEA DA ROÇA – BA

### ENTREVISTA AOS PAIS

1. Vocês acompanham seus filhos na instituição escolar (reunião, tarefas, trabalhos escolares)?

(x) sim

Porquê?

D. Renilda - "Para ajudar eles, para miorar. As reunião eu gosto, o que elas falam, falam muita coisa importante para ensinar os filhos".

D. Matilde - "Pra vê como é que tá, né?"

D. Edileide - "A gente indo pra lá, eles não pode fazer nada errado. Eles aprende mais. E deixando por eles, acaba não fazendo nada".

D. Rita - "Porque tem necessidade de ir, todo pai tem que saber como o filho está. Eu acho que ele aprende mais quando a gente se preocupa"

D. Mirian - "Eu sempre eu vou, minha leitura é pouca, eu boto as mininas pra ensinar, tenho filho que já se formou, outra já casou e continua estudando".

D. Agda - "Quando eu tô sã eu vou para reunião, eu não sei lê mais pergunto aos filhos se tem dever, e Patrícia ensina os mais novos. O pai nunca perguntou se vai para a escola, só fica na venda"

D. Evanilde - "Porque eu acho que é obrigação minha, na escola o professor e em casa, eu.

2. Na sua opinião de quem depende o sucesso ou insucesso de seu filho na escola?  
Justifique:

(X) de todos

D. Renilda - "Eu acho que depende de nós tudo. Porque só a professora ou só os pais, os meninos sozinho não aprende nada".

D. Matilde - "Por que os pais tem que ativar os filhos, o aluno tem que ativar".

D. Edileide - "Por que eu acho que a gente tando do lado deles aprende mais".

D. Rita - "Depende dos pais, do professor e do aluno. O aluno sozinho não aprende, ele precisa de ajuda. Os meninos não tá com nada, não, não querem nada não".

D. Mirian - "A aprendizagem dos meninos depende dos pais ativar os meninos de ir para escola. Por que é assim, se a gente deixar o menino de mão ele não vai estudar, se a professora dizer que ele não vai passar, ele não quer ir mais. Eu sempre faço o que posso para os meus filhos estudarem. O menino dá trabalho de ir pra escola. Eu já tive que procurar ajuda do Conselho Tutelar".

D. Agda - "O professor tá lá, não é só o professor que é responsável, os pais tem que ir lá para saber se tá respondendo. O filho é o mais interessado".

D. Evanilde - "Primeiro lugar o aluno tem que ter disposição, o pai vai incentivando, o professor também, o menino só aprende na escola. Eu tenho seis filhos e conheço todos, uns eu tento demais, outros é mais rudo".

3. Você entende o que a escola solicita ?

(X) sim

D. Renilda - "Eu entendo que precisa disso tudo. Se é uma brincadeira, vai servir para alguma coisa, tem que ter as outras coisas também, não é só escrever e ler".

D. Matilde - "Eu acho que seja muito certo isso, o que ele mandar, a gente tem que esforçar o menino para fazer".

D. Edileide - "É importante aprender na escola e em casa também. Tudo o que a escola faz, faz parte da escola".

D. Rita - "Eu acho que é preciso ele fazer, eu pergunto se tem dever, às vezes, ele diz que não tem dever. Eu acho importante quando tem um filme. Às vezes ele chega fazendo algumas perguntas".

D. Mirian - "É necessário para aprender para a importância dele e para ajudar o aluno a aprender cada vez mais. Precisa aprender de cada coisa um pouquinho. Tudo é importante, o futebol, um passeio fora da sala. Eu acho que escola nenhuma, professora nenhuma, ensina o que não presta ao aluno. Ele é que não quer entender".

D. Agda - "Menina, eu acho que precisa, tudo que a escola pediu tá se vendo que é preciso. Se pede para ir lá na biblioteca, um lápis é preciso. O professor não tem obrigação de dar nada ao aluno, quem tem que dar é os pais. Tá de acordo, o que a escola ensina tá de acordo, se a escola reclama tá de acordo. O que a escola ensina é importante, se manda ler ou estudar tabuada é porque precisa. Tudo precisa".

D. Evanilde - "Acho importante sim, algumas vezes os meninos vão para o Centro Cultural, outras vezes o livro em casa, pesquisa os vizinho. Por que sempre pede o que precisa para trabalhar na escola".

#### 4. Você está em condições de ajudá-lo nas tarefas escolares?

D. Renilda - " Eu ensino a cada um, estudei até a 3ª série, e quando eu não sei, os meninos maiores ensinam".

D. Matilde - "O que a gente sabe ensina, mas, o que a gente não sabe procura uma pessoa que saiba.

D. Edileide - "Eu não ajudo porque não se lê. Não estudei porque os pai não colocou, trabalhava na roça. Na época não achava a ajuda que hoje acha. Mando os irmãos maiores ensinarem. Os meninos menores estudam, os mais velhos desistiram porque não quiseram mais estudar".

D. Rita - "Eu não ensino porque eu não sei, mas os meninos ensinam. Eu estudei até a 2ª série, mas não sei leitura não. Eu desisti quando eu era pequena, tinha que trabalhar, morava na roça".

D. Mirian - "Eu não sei, meu estudo é pouquinho, mas tem os irmão que ajuda".

D. Agda - "Eu não ajudo porque não sei, mas pergunto se tem dever, deixo eles ir perguntar a quem sabe. Eu só estudei um mês e só aprendi três letras "A B e C".

D. Evanilde - "Eu sempre tiro um tempinho para eles, à noite quando chego, eu ajudo. Alguns deveres eu consigo, eu tento.

#### 5. Que comportamento você tem quando seu filho pede ajuda?

D. Renilda - "Às vezes a pessoa fica meio estressado, mas a gente tem que ensinar. Eu nunca deixei ir para a escola sem fazer o dever".

D. Matilde - "Nóis ajuda, vou pensar, para ajudar a fazer. A gente tem prazer quando o filho passa de ano".

D. Edileide - "Eu procuro ajuda, eu chamo outra pessoa para ensinar".

D. Rita - "Eu mando ele pedir ajuda a irmã, sempre tem alguém que ajuda".

D. Mirian - "Espero as meninas chegar para ajudar eles fazer, eu sempre tento ajudar fazer. Às vezes um vai com o dever sem fazer, porque eu trabalho, eu sou sozinha pra tudo, é muita coisa, sempre acontece, a correria do dia-a-dia".

D. Agda - "Eu não sei fazer, então procure a sua irmã para lhe ensinar, e se sua irmã não sabe, procure a outra pessoa que sabe, a uma professora".

D. Evanilde - "Eu sou carinhosa, eu sempre estou pronta para ajudar".

#### 6. Que tipo de contato você tem com o mundo da leitura?

D. Renilda - "Eu leio muito, eu gosto de ler, pego os livro dos meninos. A Bíblia, revista de crente, eu leio muito, falar a verdade".

D. Matilde - "Nóis lê a Bríbla, lê livro da escola".

D. Edileide - "Pego livros para olhar".

D. Rita - "Tem vez que eu pego alguma revista e fico olhando, não sei ler".

D. Mirian - "Sempre eu pego os livro deles e tento ler. Eu estudei até a 3ª série, mas eu tento ler. Uma caixa de remédio eu leio, uma continha eu sei, meu nome eu escrevo direitinho".

D. Agda - "Tenho, eu gosto de olhar revista, livro, vejo os desenhos, os ramo bonito, eu mando as menina fazer no dever, e colá nos livro".

D. Evanilde - "Eu leio livros, quando tem avaliação eu estudo com eles".

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
PROGRAMA REDE UNEB 2000  
VÁRZEA DA ROÇA - BA

## ENTREVISTA AOS ALUNOS

1. Com quem você convive?

Rodrigo - Pai, mãe e irmãos.

Mirailde - Pai, mãe e irmãos.

Jucimara - Pai, mãe e irmãos.

Micael - Pai, mãe e irmãos.

João Nildo - Mãe e irmãos.

Patrícia - Pai, mãe e irmãos.

Erleane - Mãe, irmãos e padrasto.

2. Sente-se feliz e seguro quando está com sua família?

Rodrigo - Sim, minha família é alegre, não é triste, o lugar é bom, só não tem energia. Me dou bem com meus pais e com meus irmãos. Sou obediente e só saio se meu pai deixar.

Mirailde - Sim, meus pais são crentes e vivemos sem conflito.

Jucimara - Sim, respeito os meus pais, quando tem uma festa aqui na rua ela (mãe) deixa, mas fora ela (mãe) não deixa. Meu pai fica a semana na roça trabalhando e eu fico mais com meus irmãos.

Micael - Sim, eu gosto das minhas irmãs. Elas tão sempre me ajudano, gosto também de meus pais, mas eles pegam no meu pé.

João Nildo - Sim, porque minha mãe gosta de mim, tem vez que ela manda o povo dar conselho.

Patrícia - Sim, mas as vezes meus pais brigam, de vez em quando meu pai bebe. Minha família é alegre.

Erleane - Sim, meu padrasto me trata como filha, vivemos em harmonia, às vezes brigo com meus irmãos e meu padrasto reclama a todos.

### 3. Você tem a ajuda de seus familiares nas tarefas escolares?

Rodrigo - Sim, quando o dever é difícil peço a ajuda da mãe, e quando é fácil eu faço sozinho.

Mirailde- Sim, quando o dever é fácil, pai ajuda e quando é difícil não. Ele estudou até a 4ª série e mãe sabe ler alguma coisa.

Jucimara - Sim minha irmã me ajuda, ela estudou até a 8ª série.

Micael – Sim, minha mãe manda minhas irmãs ajudar, porque ela não sabe ler.

João Nildo – Sim, quando minha mãe tem tempo manda as meninas pra ajudar.

Patrícia- Sim, meus irmãos mais velhos me ajudam, meus pais são analfabetos.

Erleane - Sim, quando eu preciso minha mãe me ensina.

### 4. Qual a reação de seus familiares quando você pede ajuda nas tarefas escolares?

Rodrigo - Quando minha mãe está desocupada ela me ajuda e quando está ocupada, ela manda eu deixar pra depois.

Mirailde - Ela ajuda, se ela conseguir, ela ajuda.

Jucimara - De primeiro ela diz que não vai ajudar, mas depois ela (a irmã) volta e me ajuda.

Micael - Meus pai não sabe ler, mas minhas irmã quando entende ajuda o dever.

João Nildo – Ela se preocupa e pede ajuda pra não voltar com o dever em branco.

Patrícia- Ele (o irmão) quando pesso ajuda vem logo me ajudar.

Erleane- Ela (mãe) vem e me ajuda.

5. Você acha importante a participação de seus familiares na sua vida escolar (reunião, festas, tarefas escolares)?

Rodrigo - Sim, na escola quando tem alguma reunião, claro que o pai tem que vim, para saber se o filho está fazendo o dever.

Mirailde - Sim, por que é bom, o pai vim para a reunião para saber como nós tá.

Jucimara - Sim, para saber se estou bagunçando, se estou fazendo os deveres.

Micael - Sim, minha mãe sempre vai pra perguntar se eu tô bagunçano.

João Nildo - Sim, ela quer saber se eu tenho muita falta e se vou passar de ano.

Patrícia - Sim, para saber como nós tá. Quando mãe não vem a uma reunião eu fico triste.

Erleane - Sim, por que é direito dos pais participar da vida dos filhos.

6. Você tem dificuldade nas tarefas escolares? Quais?

Rodrigo - Sim, tem umas que é muito difícil, mas mesmo assim eu tento fazer para aprender.

Mirailde - Sim, português e matemática eu sou mais fraca. Na conta de dividir eu não sei fazer direito não. Eu tô aprendendo.

Jucimara - Alguns, eu tenho dificuldade em fazer conta.

Micael - Sim, tem uns dever que é difícil e chato, ai eu não quero fazer.

João Nildo - Tenho muita dificuldade pra escrever, mas tenho que escrever mesmo assim

Patrícia - Não.

Erleane - Sim, em matemática, nas contas de dividir.

7. Além da escola, que tipo de contato você tem com mundo da leitura?

Rodrigo - Só livro de escola, revista. Gosto de ler, quando tenho tempo de ler, pois a maior parte do tempo estou trabalhando na roça com meu pai e segunda-feira ajudo uma mulher na rua.

Mirailde - Leio livro que tem em casa, leio a Bíblia, livro de escola, leio e escrevo.

Jucimara - Com o livro da escola e o caderno, televisão, pelo computador, eu já fiz até trabalho.

Micael - Leio os livros que fica na biblioteca quando a professora manda.

João Nildo - Eu estudo e trabalho, por isso leio mais o livro da escola

Patrícia - Leio livro de outras escolas, televisão ( propaganda ).

Erleane - Eu leio em casa também, livro, revistas, na internet.